



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

MÍDIA, REDES DE MEMÓRIA E TRAJETOS DOS SENTIDOS: PRODUÇÃO DE SENTIDO DO SISTEMA DE COTAS.

Claudinei Marques dos Santos*

UEMS/CNPq/NEAD

Marlon Leal Rodrigues**

UEMS/UNICAM/NEAD

ABSTRACT: The question of quotas for people blacks in public universities in recent years has been discussed in media discourse, especially in the press. Since it began to introduce in public universities the policy of quotas for people blacks, the print media represented by *Veja* magazine, began to make frequent "attacks" discourse concerning this system. The light of the dominant ideology (Orlandi, 2008) to magazine discusses the quotas and positions itself as the spokesperson of society, so insert in social imaginary an discourse of representation¹ of quotas system, which reconfigures itineraries, discursive practices registered in memory net, to prevent the circulation of meaning regarding quotas, or try to make them lose their sense effect in the contemporary, that is, repair the centuries of slavery, prejudice, exclusion and social marginalization of people blacks, have historically been prevented from attending environments, only by reason of having black skin. Facts still are present in Brazilian society, through social inequalities, especially access to social places, that is, where people blacks are inhibited from participating, because the discourses of denial to social rights, are still present in the speech of institutions. Thus, the purpose this work to analyze the itineraries of sense, the senses discursive constructed, from memory net, through the corpora of *Veja* magazine in 2007 and 2009 editions Nº 2011 of June 6, 2007, and . Nº 2102 of 03 February 2009, whose speeches refer to the quota system. whose discourses regarding the systems of quotas for people blacks.

KEY WORDS *Quotas, Discourse, ideology, media, sense.*

Resumo: A questão das cotas para negros em universidades públicas, nos últimos anos, tem sido discutida no discurso da mídia, principalmente no da imprensa escrita. Desde que se começou a implantar nas universidades públicas, a política de cotas para negros, que a mídia impressa representada pela revista *Veja*, começou a fazer frequentes "ataques" discursivos referente a este sistema. À luz da ideologia dominante, (Orlandi, 2008) a revista discute as cotas e coloca-se como porta-voz da sociedade, para isso insere no imaginário social um discurso (Pechêux, 1999) de representação do sistema cotas, em que reconfigura trajetos, praticas discursivas inscritas em redes de memória, para impedir a circulação de sentido referente às cotas, isto é, tenta fazê-las perderem o seu efeito de sentido na contemporaneidade, que é, reparar os séculos de escravidão, preconceito, exclusão e marginalização social de negros que, historicamente foram impedidos de participarem dos ambientes, apenas pelo motivo de terem a pele negra. Fatos que ainda se fazem presentes na sociedade Brasileira, através das desigualdades sociais, principalmente de acessos aos lugares sociais, que é, onde os negros são inibidos de participarem, uma vez que os discursos de negação ao direitos sociais, ainda se fazem presentes nos discursos das instituições. Dessa forma, este trabalho busca-se analisar os trajetos de sentido, os sentidos discursivos

¹ O Primeiro* é graduando do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do SUL-UEMS e Bolsista do CNPq e o Segundo ** é professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do SUL, unidade Campo Grande e é coordenador programa de Mestrado em Letras da UEMS.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

construídos a partir de redes de memória, através do corpora da revista *Veja* de 2007 e 2009 edições Nº 2011 de 6 de junho de 2007, e Nº 2102 de 03 fevereiro de 2009, cujos discursos referem-se ao sistema de cotas.

PALAVRAS CHAVES:: Cotas; Discurso, Ideologia, Mídia, Sentido.

Introdução

A questão das “cotas” em universidades públicas vem sendo nos últimos anos, discutida (PÊCHEUX), (2002) no discurso da mídia, principalmente no da impressa escrita. A mídia impressa legitimada, a discursivizar “assuntos” polêmicos e controversos, começou a fazer frequentes “ataques” ao sistema de reserva de vagas para negros em instituições públicas, isso de algum modo, tornou o debate mais “aguerrido”, polêmico, contribui de forma significativa para que sujeitos e discursos saiam de “redes memória” (PÊCHEUX, 2002) dos “arquivos semi-aberto” da dissimulação (RODRIGUES, 2005), para fazer com que o sistema de cotas perda seu efeito de sentido (ORLANDI, 1987), isto é, o sentido de reparação histórica na contemporaneidade.

Como uma instância geradora de informação na sociedade, a mídia impressa (CHARAUDEAU, 2009) aparece representada pelo discurso jornalístico, como autoridade legitimada a denunciar o poder, isto é, porta-voz da sociedade para assuntos polêmicos e controversos, para isso insere no imaginário social, um discurso de representação do sistema de cotas, tendo como suporte a “ideologia” (ORLANDI, 2008), que naturaliza certos sentidos referente a esse sistema de reserva de vagas.

Essas “práticas discursivas” (PÊCHEUX, 1997) produzem identidades (RODRIGUES, 2007) subjetividade como singularidade a partir de agenciamento de trajetos e redes de memória. Práticas discursivas de um momento histórico ou época dada se inscrevem na discursividade midiática, a partir do acionamento da memória que retoma, e desloca “trajetos de sentidos”, “de dizer”, pertencentes a outras filiações, compostas de discursos que impedem as circulações de sentidos, (ORLANDI, 2008) que se referem à reparação histórica da população negra, que ao longo dos séculos vem sendo impedida de significar na sociedade Brasileira, apenas por motivos envolvendo a cor de pele, ou melhor, de ser afrodescendente, oriundo dos povos africanos. Esses sentidos discursivos de negação aos direitos sociais à



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

população negra, ainda estão presentes em plena contemporaneidade, principalmente, nas práticas discursivas promovidas pelos meios de comunicação de massa, como as revistas.

Discurso midiático e a questão das cotas

A partir do século XIX surgiram (ROMÃO, MOREIRA, 2008) surgiram inovações tecnológicas que, além facilitarem a comunicação, permitiram à transmissão de informações, a grande distância, o que possibilitou o desenvolvimento da instituição midiática, tanta como ciência quanto como instituição social, isto é, instância produtora de informação na sociedade. Na contemporaneidade, isto é, no século XX e XXI, a mídia vem tornando e se afirmando como uma das principais fontes de informação da sociedade isso, no entanto só foi possível, com o desenvolvimento de novas tecnologias da informação (internet, televisão, jornais e revistas) que eclodiram na sociedade, promovendo, assim uma revolução nos meios de comunicação de massa.

Com essas tecnologias, o ambiente midiático, por meio de seus discursos jornalísticos, passa a ocupar todos os espaços públicos, promovendo suas propagandas, e seus anunciadores, e ao mesmo tempo, criando a própria realidade, de tal modo que os cidadãos tornam-se, meros personagens de seus relatos. Realidade esta que ligada segundo (ROMÃO, MOREIRA, 2008, p. 43) “ao poder de informar, isto é, de fabricar relatos e vende-los”, já que o objetivo da mídia é, na verdade vender seu produto, conseguir um maior número possível de leitores, e ao mesmo tempo fazer com que creiam na veracidade das informações veiculadas.

CHARAUDEAU, (2009, p.17), a esse respeito afirma que “as mídias são criticadas por constituírem um quarto poder; o cidadão aparece com frequência como refém delas, tanto pela maneira como é representado, quanto pelos efeitos que se acham muito distantes de qualquer pretensão à informação”. Ao lado do executivo, legislativo, e o judiciário, a mídia representa “esse quarto poder”, o qual constrói e identifica os espaços públicos, com seu discurso “de verdade”, que circulam no contexto social, produzindo modos de “falar” “vestir” e “comer”, enfim discursos que regem os comportamentos dos cidadãos. Dessa forma, diante do contexto social, a mídia aparece como fiscal, autoridade, dos espaços públicos, legitimada a comentar assuntos que envolvem a realidade.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Segundo ainda (ROMÃO e MOREIRA, 2008, p. 42) a mídia

na sua vigilância diária exacerbada, tornou-se um lugar de estabilização dos sentidos, sobre a realidade, assim, apresenta-se como um lugar revestido pelo imaginário da potência, de verdade e neutralidade, qual seja, o imaginário porta voz da sociedade e de fiscal do poder público.

Acontecimentos que surgem na realidade social, se tornam alvo desse discurso, uma vez que difunde, na opacidade da língua, uma representação desses acontecimentos, em que estes não são mais tidos como tais, mas são construções discursivas operadas pelos meios de comunicação, que promovem ao seu modo um sentido, e inibe outros que não lhe interessam.

No relato do acontecimento, (MARIANI, 1998) o discurso midiático, dissemina e reordena relatos (ROMÃO E MOREIRA, 2008, p. 42) “de supostas verdades sobre realidade, desambiguizando o mundo e os vários modos de ler, cristalizando uma tessitura do poder que não mostra como tal, mas aparece como registro objetivo, fiel da vida real”. Esse poder não é transparente, aparece na linguagem, (RODRIGUES, 2007) produzindo efeitos perversos, regendo enunciados, sujeitos e instituições, só pode ser apreendido pelo efeito que produz na enunciação.

Dessa forma, o discurso midiático age na sociedade produzindo seus efeitos, sobre os discursos, como o sistema de cotas para afrodescendente, em universidades que vem ao longo dos anos, criando debates "calorosos" em torno da sociedade. A revista “*Veja*” pertence a esse grupo de instituições midiáticas, que vem desde o ano 2000, comentando discursos que envolvem a política de cotas para afrodescendentes, em instituições públicas. Fundada em 1968 pelo jornalista Vitor Civita, a revista “*Veja*” vem ao longo dos anos no Brasil, se constituindo como uma das mais lidas do mundo. Responsável por atrair um público, que se identifica com o conteúdo apresentado, isto é, centraliza todas as suas expectativas no leitor, por meio de uma capa que serve como vitrine, espelho da realidade social. Tudo que é mostrado na capa de acordo a revista deve ser considerado como verdadeiro. Considerada também, um dos maiores fenômenos editoriais de todo os tempos, a revista vem se mantendo no Ranking das mais lidas, apenas atrás das americanas: Time, Newsweek, e US News & World Report.

O sistema de cotas é uma das muitas ações afirmativas defendidas em três



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

conferências mundiais (DOMINGUES, 2005) que teve como tema principal à questão do racismo, xenofobia e a intolerância na sociedade. A Primeira dessas conferências aconteceu em 1978; a segunda 1983; e a terceira 2001 em Durban, África do Sul, com a participação de 189 nações. Nesse evento foi aprovado uma declaração, e um plano de ação nos quais o Brasil aparece com um dos seus colaboradores. Essa III Conferência mundial recomendava ainda, entre outras medidas, que os Estados, nesse caso os países, que tinham negros em seu território desenvolvessem “ações afirmativas“, ou medidas de ações positivas, para promoverem acesso de grupos que sofreram ou venham sofrer algum tipo discriminação racial.

Segundo (DOMINGUES, 2005, p.166), a expressão “ação afirmativa foi criada, em 1963 nos Estados Unidos, pelo presidente J.F Kennedy”, que significa, segundo ele “um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebida com vista ao combate da discriminação de raça, gênero etc., bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação, praticada no passado”. Essas ações afirmativas não só existem no Brasil, como também em outros países, como na Índia, Estados Unidos, África do Sul, Brasil e Colômbia entre outros, cujas populações já passaram ou ainda passam por problemas envolvendo a discriminação de raça, cor e religião. O primeiro desses países a adotar as ações afirmativas, foi à Índia, embora não seja com esse termo "ação afirmativa", mas como reserva de vagas. Sistema este que está presente no país desde 1949, e continua até hoje, e é obrigatório em todos os órgãos estatais, desde a educação até o serviço público. Até Os Estados Unidos, que é considerado a maior economia do mundo, aderiu a este sistema, a partir de 1960, reservando vagas para negros em universidades públicas. Tudo isso evidentemente, em virtude de lutas e pressões constantes dos movimentos sociais, que ainda lutam e lutaram pelo direito de pessoas cujas vidas já sofreram um algum tipo de discriminação.

Sendo a discriminação um dos maiores problemas da sociedade brasileira, essas ações afirmativas, isto é, as cotas buscam reparar um passado de extrema exclusão e preconceito que negros e outros povos, como os indígenas tiveram e ainda têm em suas respectivas nações. Embora esse sistema seja para diminuir as desigualdades de acesso aos lugares sociais entre brancos e negros na sociedade, têm assumido na sociedade brasileira, através/com o discurso midiático um efeito de sentido negativo, ou seja, a historicidade do acontecimento



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

ainda o impede de se inscrever na "agenda social" (RODRIGUES, 2007) Brasileira, ainda mais quando se tem um ambiente midiático polemizando às discussões e publicando artigos, contra as reservas de vagas em universidades públicas.

OBJETIVO/OBJETO

Desse modo, o objetivo geral desse trabalho é analisar os sentidos discursivos, trajetos de sentidos, construído a partir de redes de memória, que referem ao sistema de cotas para negros em universidades públicas, a partir do corpora produzido pela revista *Veja*, no ano de 2007 e 2009, uma vez que a revista, (voz do narrador) nesses anos, discute a questão da reserva de vagas para negros em universidade pública. Um discurso em que funciona por meio da ideologia (ORLANDI, 1996, 2008), trajetos de sentidos, construídos em outras condições produção que são reatualizados pela revista *Veja* para impedir as circulações de sentidos referentes ao sistema de cotas.

O objeto dessa pesquisa são alguns discursos da revista "*Veja*" referente ao sistema de cotas em universidades públicas para negros.

Assim, os objetivos específicos são: analisar os sentidos discursivos, trajetos de sentidos construindo em rede de memória; analisar a construção dos sentidos do sistema de cotas pela revista; analisar como a revista representa o afrodescendente a partir das cotas;

HIPÓTESE

Uma das hipóteses prováveis que sustenta essa pesquisa é que a revista "*Veja*", como meio de comunicação de massa, (CHARAUDEAU, 2009), reatualiza por meio de redes de memórias, trajetos de sentidos, pertencentes outras práticas para reconfigurar o discurso das cotas na contemporaneidade. Considerando que a história do negro no Brasil, sempre foi marcada por discursos (PÊCHEUX, 1997) ideológicos que, além de escravizá-lo e marginalizá-lo, impediu-lhe de participar dos ambientes sociais. E o sistema de cotas se insere na sociedade Brasileira para reparar os séculos de escravidão, exclusão, preconceito e



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

marginalização da população negra.

METODOLOGIA

Como proposta metodológica para esta pesquisa, a mesma segue-se dessa forma: Diante da polêmica instaurada pela revista *Veja* nas suas publicações de 2007 e 2009, referentes ao sistema de cotas em universidades públicas, para negros, possibilitou a construção de um corpus, em que se procurou analisar os trajetos de dizer inscritos em redes de memória (PÊCHEUX, 1997), historicamente produzidos. Para tal separou-se (RODRIGUES, 2007) alguns enunciados da revista, para ser corpus desse trabalho. Posteriormente tais enunciados foram agrupados pelo sentido e, conseqüentemente feito alguns recortes, selecionados e divididos para a sequência das análises. Ao constituir um corpus, fez-se um recorte de enunciados significativos, que diz respeito às questões da pesquisa, isto é, atendam aos objetivos do trabalho. Após isso tais enunciados foram agrupados em discursos para proceder à classificação, com intuito de evidenciar, os trajetos de sentido, isto é, a produção de sentido, construídos, a partir de rede de significações, historicamente produzidas no discurso da revista, e por último analisou-se como que essa instituição midiática, representa o cotista e o sistema de cotas na sociedade, a partir de sua discursividade

Pressupostos Teóricos

De acordo com (ORLANDI 2008, p. 693), o discurso é uma prática, ou melhor, “um efeito de sentido entre interlocutores”, produzido pela inscrição da língua na história, regida pelos mecanismos ideológicos, já que o discurso como prática traz em si as marcas da articulação da língua com a história para significar. “Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua; trabalha-se com a relação entre língua, discurso e ideologia” (ORLANDI, 1999, p.17). O discurso é um espaço de lutas e conflitos. Todo discurso tem uma relação histórica e ideológica que se manifesta



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

através da linguagem, marcando sua relação de poder e de sentido.

Para que se compreendam os processos de constituição dos sentidos e sua circulação, é de suma importância que se compreenda também a ideologia, que se segundo (ORLANDI, 2008, p.22) “se caracteriza assim pela fixação do conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade linguagem e da história” isto é, tem-se a ilusão de transparência da linguagem, já que histórico não é apresentado, o sentido aparece nos enunciados como naturais, sem referente histórico.

Nesse sentido a "ideologia" é um mecanismo que promove o aparecimento de certos sentidos e não de outros, criando assim um efeito de transparência.

Esse processo é determinado pelas "formações ideológicas", por meio de "formações discursivas", entende-se por esta, como aquilo que pode e deve ser dito, numa conjuntura, numa posição dada (PÊCHEUX, 1997), que naturalizam um conjunto de representações saberes e dizeres possíveis, para um sujeito em uma conjuntura dada fazendo parecer óbvio, que se diga de um modo e não de outro. A ideologia é responsável pela produção de evidências que coloca sujeito em relação imaginária com suas condições de históricas de existência, fornecendo sentidos tidos como naturais.

Esses dizeres são retomados porque há uma estrutura que armazena todos os discursos produzidos, é o que (PÊCHEUX, 1999), chama de memória discursiva que segundo ele não é como memória uma saudosista, isto é, lembrança de uma determinada época, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscritas em práticas históricas, e da memória construída do historiador. Para ele a memória, enquanto conjunto práticas históricas: (PÊCHEUX, 1999,p. 56.)

não poderia ser concebida como uma esfera plana, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de reservatório: è necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamento, e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramento réplicas, pölemicas e contra-discursos.

Ao Conceber a memória como um espaço de deslocamento, de disputas, de polêmicas Pêcheux, evidência que o mesmo da palavra abra-se então o jogo da metáfora, com outras possibilidades de articulação discursiva, de forma que o já-dito, do já significado, possa brotar



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

o novo, acontecimento, cujo movimento determinado pelas formações discursivas. Uma espécie de repetição vertical, em que a memória esburaca-se e perfura-se antes mesmo de se desdobrar-se em paráfrase. São uns buracos provocados pelo acontecimento uma outra série sob a primeira desmascarando o aparecimento de um série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento.

Os trajetos de sentidos produzidos por formações discursivas são os que fazem esses “buracos” na memória fazendo com que reconfigure, os arquivos discursivos, provocando assim uma nova repetição. Eles se inserem no acontecimento fazendo brotar o novo, uma série composta de discursos diferentes da primeira constituição, advindos de outras filiações, já que como afirma (PÊCHEUX, 1999 p. 53) “Todo enunciado é intrinsecamente susceptível de tornar-se outro diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido, para derivar outro”. Os discursos não são independentes, são feitos a partir do outros, e são restabelecidos na enunciação, a partir da inscrição de sujeitos em redes de memória e trajetos de sentido de uma época dada. Conforme (PÊCHEUX, 1999, p. 56)

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompem, mas de sublinhar que, só por sua excelência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação –estruturação dessas redes e trajetos : todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação na medida em que ele se constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho mais menos conscientes.

O discurso, como afirma PÊCHEUX, ao mesmo tempo, que é dependente das redes de memória, e dos trajetos, ou seja, dos discursos já produzidos historicamente, numa determinada época, marca a possibilidade rompimento com essas redes e trajetos, isto é, um rompimento com estrutura de poder que o rege, porque todo discurso quando surge em forma de acontecimento novo, tende a perturbar a memória, ou melhor, as filiações históricas que se encontram no contexto social.

Esses trajetos de sentidos e redes de memória se inscrevem na enunciação por meio de formações discursivas, que retomam e deslocam filiações de sentidos cujas origens são históricas, isto é, produzidos em outras condições de produção. Sentidos (ORLANDI, 2008) pertencentes a outros lugares ou época dada chegam à contemporaneidade, produzindo



identidades. Esses processos de subjetivação se inscrevem no discurso a partir de agenciamento de redes de memória e trajetos de sentido, construídos em diferentes contextos de enunciação, trazem em si sentidos, ideologias, conjunto de práticas de uma sociedade, permeado pelos mecanismos de poder, estruturas que fazem com que enunciados, adquiram outros sentidos, diferente da primeira constituição.

Análise Discursiva

Proceder-se-á agora, nesse outra parte da pesquisa, à análise discursiva, com intuito de evidenciar os efeitos de sentidos (ORLANDI, 1987), isto é, o efeito da inscrição histórica do outro no discurso da revista *Veja*, que ocorre através de redes de memória e trajetos de significações, que atravessam a discursividade fazendo surgir os “efeitos de verdade”, na enunciação.

- (01) “Há fortes razões para acreditar que transformar o projeto em lei da maneira como ele chegou ao Senado, vindo da Câmara dos Deputados, pode ser contraproducente, ilógico e ruinoso para todos os brasileiros” (Ed.2102, p. 67)
- (02) “Se ele for aprovado, metade dos calouros terá acesso à universidade usando como passaporte de entrada o vago e cientificamente desacreditado conceito de raça” (Ed.2102, p. 67)
- (03) “Adeus ao mérito individual” (Ed.2102, p.67)
- (04) “Nenhuma dessas experiências tem resultados positivos conclusivos e tampouco unanimidade quanto a sua constitucionalidade” (Ed.2102,p.67)
- (05) “Enxergam no favorecimento das cotas um risco para todos” (Ed.2102, p. 68)
- (06) “Impor cotas raciais por lei pode ir contra o bom senso e contra a realidade brasileira”(Ed.2102, p.68)
- (07) “É menos preparado academicamente”(Ed.2102, p.71)
- (08) “Ela pune o esforço individual e cria uma casta de "profissionais das cotas", (Ed.2102,p72)
- (09) “A renda até caiu”(Ed.2102,
- (10) “Gêmeos idênticos, Alex e Alan foram considerados pelo sistema de cotas como branco e negro. É mais uma prova de que, raça não existe”Ed.2011, p.01)
- (11) “Ele é sinal de que o Brasil está enveredando pelo perigoso caminho de tentar avaliar as pessoas não pela pele mais pelo seu caráter,mas pela sua cor de pele” (Ed.2011, p.82)
- (12) “Os juízes da raça” (Ed.2011, p.82)
- (13) “ o perigo de classificar as pessoas pela cor da pele- coisa que fizeram os nazistas e o Apartheid Sul-Africano”(Ed.2011, p.82)
- (14) “Tentar explicar as diferenças intelectuais, de temperamento ou de raça, caso emocionais pela diferenças raciais é não apenas estúpida como perigoso” (Ed.2011, p.84)
- (15) “O sistema de cotas raciais na Universidade foi uma promessa de campanha do presidente Lula” (Ed.2011, p.84)
- (16) “O mérito acadêmico ficou em segundo plano” (Ed.2011, p.85)
- (17) “A lei das cotas são monstruosidades jurídica que atropelam a constituição” (Ed.2011, p.85)
- (18) .Resume a antropóloga” Será como tentar apagar fogo com gasolina” (Ed.2011, p.85)



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

- (19) “Nunca houve barreiras institucionais aos negros no país”(Ed. 2011, p.85)
(20) “As eventuais manifestações racistas são punidas na letra da lei” (Ed.2011, p.85)
(21) “O projeto de separar os Brasileiros e definir o direito com base na “raça” é também um disparate científico”(Ed.2011, p.88)
(22) “Quem acha o problema racial no Brasil é parecido com o dos Estados Unidos nunca leu os elogios à nossa democracia feitos por autores negros Americanos” (Ed.2011, p.87)

Discurso do Mérito

- (07) “É menos preparado academicamente”(Ed.2102, p.71)
(08) “Ela pune o esforço individual e cria uma casta de "profissionais das cotas", (Ed.2102, p72)
(16) “O mérito acadêmico ficou em segundo plano” (Ed.2011, p.85)
(03) “Adeus ao mérito individual” (Ed..2102, p.67)

O discurso de “mérito” é uma forma historicamente legitimada a significar nas instituições da sociedade, porque tem como característica principal, expor sentidos de igualdade de condições intelectuais, isso de algum modo, opõe-se a outros sentidos, cujos discursos não levam em conta, “as habilidades intelectuais” dos sujeitos, mas a história de exclusão social. Isso é o que acontece, pois, com o sistema de cotas em universidades instituições públicas, por não levar em conta, a questão do mérito, esse sistema é constantemente criticado pela revista *Veja*, para qual o mérito, isto é, o conhecimento de cada candidato, deve ser a única forma de acesso ao ensino superior, e não a reserva de vagas.

Segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2004) o vocábulo "mérito" significa "merecimento", isto é, algo que o sujeito já tenha conquistado por esforço próprio, o que evidentemente exclui o discurso do sistema de cotas na contemporaneidade e instaura na enunciação um regime de verdade que legitima o dizer, e impede que ele signifique na sociedade. (Rodrigues, 2007, p.12) a esse respeito enfoca que:

meritocracia é um discurso para iguais, ou para aqueles que queiram se inscrever nessa ordem por sua conta em risco, os não iguais. Esse discurso não reconhece o desigual, senão ele teria que reconhecer que historicamente nem sempre foi assim, que o mérito tinha outros sentidos. A manutenção do sistema de mérito entre desiguais pode ser inclusive um tipo de cota ou privilégio para os iguais.

Esse mérito do qual discursiviza autor é aquele regido pelos mecanismos ideológicos, controlado pela classe dominante, ou melhor, pela ideologia, que é um mecanismo pelo qual o



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

discurso dominante usa para manter a homogeneidade na realidade, porque tem como característica a exclusão social de sujeitos, por serem muitas vezes, pobres e ainda negros. Esse discurso dominante é representado pela mídia, através de seus relatos jornalísticos, que difunde sob uma pretensa veracidade, um discurso de exclusão, sob a representação de que para ter acesso as instituições públicas são imprescindíveis igualdades de direitos, isto é, o mérito, conhecimento que cada candidato possuiu na sua trajetória de estudante.

Assim, nos enunciados (16) “mérito acadêmico”, (Ed.2011, p.85) (08) “Ela pune o esforço individual e cria uma casta de "profissionais das cotas"(Ed.2102, p72) foram ditos pela posição sujeito de *Veja*. Seu dizer representa um ponto de vista legitimado a significar na realidade brasileira, pois é acostumada a comentar assuntos polêmicos e controversos na sociedade. E, são atualizações operada a partir da memória discursiva, inscritas em várias redes de significações, que desloca trajetos de dizer, pertencentes a outras práticas discursivas, cuja movimentação é operada pela formação discursiva dominante, que ressignifica sentidos pertencentes a outras FDs.

Em (16) e (08) percebe-se um deslocamento, em que trajetos de dizer atravessam o enunciado da posição com um discurso pedagógico, para criticar a política de cotas. Esse discurso pedagógico é representado pela unidade “mérito”, que se inscreve na enunciação, fazendo circular um discurso dominante, ou seja, um discurso que busca manter a naturalidade dos sentidos, de que para ter acesso propriamente à universidade, é preciso que o candidato possua no seu arcabouço discursivo, as mesmas habilidades intelectuais de que os outros, cuja entrada se deu pela concorrência geral.

Em (08) “Ela pune o esforço individual e cria uma casta de "profissionais das cotas".(Ed.2102, p.72)

Esse discurso produz uma representação, tanto do sistema de cotas quanto do negro, cotista, em instituições públicas de ensino superior. Para posição sujeito da “*Veja*” enunciar esse discurso, ela assume o discurso pedagógico por meio do enunciado “pune o esforço individual”, em que o verbo “punir” assume um sentido “violência”, “de castigo”, isto é, trajetos de dizer, que retomada o discurso pedagógico, a relação professor-aluno, mais precisamente a velha teoria tradicional, em que o aluno era punido pelos seus atos. Por meio



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

do operador discursivo, (KOCK, 2000) “e” reforça o argumento acrescentando, "profissionais das cotas”, em que cria um sentido negativo referente aos cotistas que concluem à universidade como se eles fossem uns "bandos" de profissionais incompetentes a proliferar a sociedade.

Dessa forma, esse discurso cria um efeito na sociedade de que, quem ingressa por esse sistema de reserva de vagas, tende a ser um profissional menos capacitado que outros, cujos ingressos nas universidades se deram pelo sistema de vagas gerais, o que, na verdade é uma ideologia de classe, que não aceita e, nem tolera que negros, em plena contemporaneidade tenham acessos aos lugares sociais.

Discurso da Questão Jurídica

(04) “Nenhuma dessas experiências tem resultados positivos conclusivos e tampouco unanimidade quanto a sua constitucionalidade” (Ed.2102, p.67)

(17) “A lei das são monstruosidades jurídica que atropelam a constituição” (Ed.2011, p.85)

(20) “As eventuais manifestações racistas são punidas na letra da lei” (Ed.2011, p.85)

Quando se discursiviza em leis que devem ser respeitadas no Brasil refere-se ao fato de que há uma estrutura historicamente construída, que legitima todos os discursos a seguirem-na, sem no mínimo, retroceder, nem por um lado, nem por outro. Essa estrutura rege praticamente todos os discursos produzidos no país, desde os que são formulados nos Estados até os que são nos Municípios. Essa lei da qual se argumenta, é a Constituição Federal, a principal lei do país. Desde a independência do Brasil em 1822, essa constituição passou a existir no país, como modelo para outras leis, isto é, modelo para construção de outras estruturas regentes.

Ao longo dos anos, desde que a constituição brasileira foi formulada, ela passou por inúmeras reformulações e atualizações no seu sistema regente, a última delas foi em 1988, a qual no que se refere ao direito de participar dos ambientes sociais, institui no seu artigo (art.3º), “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza; a lei punirá: discriminação, racismo, atentado contra o direito”, e, no artigo (art. 5º), “a lei proibi o critério diferenciado baseado na cor”. Esses discursos (RODRIGUES, 2007) ditam norma a seguir e



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

criam efeitos de verdade, porque se constituem por um conjunto de objetos, leis, crenças e regimes, que servem de modelos para outras instituições e aparelhos de Estado.

Cria-se, pois, uma ideologia, com os discursos da Constituição Federal, que instituições, como o ambiente midiático, em suas práticas adotam, como norma a seguir, e projetam no imaginário social, a sua visão frente à realidade, excluindo qualquer outro discurso que não esteja inscrito nessa prática. Discursos que entram na sociedade, sem ao menos estarem inscritos na constituição, como é o caso das ações afirmativas para afrodescendentes, é visto pela mídia, como ameaça a ordem pública. Eles circulam nas páginas dos jornais ou revistas, sofrendo a repressão do poder de uma sociedade, que não aceita o outro no mesmo espaço, só o aceitaria se ele estivesse inscrito na constituição, como não o está, é repellido como um “estranho”, que não pertence ao regime da sociedade.

Como todo discurso é oriundo de redes memória, ou seja, de redes de significações, (ORLANDI, 1996) que se inscrevem nos enunciados, ao longo dos processos históricos. Esses sujeitos deixam marcas de inscrição histórica nos enunciados, porque se inscrevem nessas formações discursivas e retomam trajetos de dizer, e os ressignifica na enunciação, para produzir efeitos de verdade. Assim, nos enunciados (17) e (04) veem-se vários trajetos de sentidos que os atravessa cuja movimentação é dada pela formação discursiva dominante e cujos sentidos são paráfrases um do outro do outro, uma vez que a posição sujeito da *Veja* analisa o sistema de cotas como institucional, isto é, que não está estabelecido Constituição Federal como lei. A unidade “atropelam a constituição”, em (17) por meio do verbo “atropelar”, que significa discursivamente passar por cima, produz um efeito de “desrespeito” às leis Brasileira, já que o sistema de cotas não está inscrito no discurso constituição. Ainda em (17) a unidade “monstruosidade jurídica”. Evidencia-se um dizer inscrito, numa FD médica, que está inscrita no mesmo campo da jurídica, que é reconfigurado pela posição sujeito, para criar efeito de que o sistema de cotas é uma “coisa” de outro mundo, horrível, perturbadora, construída forçosamente pelo Sistema Jurídico Brasileiro.

Em (20) “As eventuais manifestações racistas são punidas na letra da lei” (Ed.2011, p.85)

Nesse enunciado acima, a posição sujeito da revista “*Veja*” afirma que no Brasil, não



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

há necessidade de reservar vagas nas instituições públicas, para negros, porque o país pune rigorosamente qualquer manifestação racista. Esse discurso estabelece uma relação interdiscursiva com o discurso da Constituição Federal, segundo o qual “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza; a lei punirá: discriminação, racismo, atentado contra o direito”, (Idem, 1998). A unidade “as eventuais manifestações racistas”, produz um efeito de que no Brasil praticamente não ocorre práticas racistas. Ainda nesse mesmo enunciado a unidade “Na letra da lei” no demonstra a rigorosidade com que as autoridades tratam as questões que envolvem discriminação.

Percebe-se nessa discursividade trajetos de dizeres, isto é, discursos assumidos pela revista, que dão coerência à sua enunciação. Essas enunciações referem-se ao discurso do Estado, e do Jurídico, engajados com os discursos da Constituição, que são usados pela revista para “validar”, ratificar o seu dizer, ou seja, trajetos que a autoriza a dizer, que não há racismo na sociedade Brasileira, porque qualquer forma de discriminação racial é rigorosamente punida pelo Estado. Essas enunciações que complementam o discurso midiático são formações discursivas, cujos sentidos trafegam no discurso, dando autoridade a revista *Veja*, a dizer que o Brasil é um país livre de preconceitos, e que, portanto, não há necessidade de reservar vagas para negros, porque somo todos iguais, perante a lei.

Discurso da Questão Política

(01) “Há fortes razões para acreditar que transformar o projeto em lei da maneira como ele chegou ao Senado, vindo da Câmara dos Deputados, pode ser contraproducente, ilógico e ruinoso para todos os brasileiros”(Ed.2102, p.67)

O debate das Cotas, além ser uma questão jurídica, inscreve-se também como uma questão política, uma vez que, para constituir como tal no Brasil, passou e ainda passa por debates políticos, por um lado é aprovada pela legislação dos Estados, por outro espera ainda por votação no plenário nacional, o que a faz, portanto inscrever-se no discurso político. No meio dessa divisão há mídia, que difunde seu discurso sobre o que é certo para o Brasil, isto é, enuncia numa posição discursiva em que ignora a historicidade do negro no país, os séculos de opressão e marginalização.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Nesse sentido, em (01) na unidade “vindo da Câmara dos deputados”, demonstra um descontentamento às práticas do governo, isto é, uma crítica aos deputados por terem aprovado as cotas. É como se a revista *Veja* quisesse dizer que na Câmara dos Deputados esse tipo de aprovação é normal, já que frequentemente eles cometem esse tipo de “erro”, tirando de uns para darem para outros. Ainda em (01) a expressão modalizadora (KOCK, 2000) “Pode ser”, com o verbo no "presente" exprime um efeito de sentido de que o sujeito da *Veja*, não tem certeza da veracidade do seu dizer, já que apenas comenta o discurso isto é, faz-lhe tomar uma posição perante a discussão das cotas. Ainda no enunciado (01), a posição sujeito no plano intradiscursivo, insere as unidades “contraproducente”, “ilógico”, cujos efeitos produzem no discurso, um sentido de que a aprovação das cotas pelos Deputados, em Brasília.

Discurso Econômico

Em (09) “A renda até caiu”(Ed.2102, p.73)

Esse enunciado para significar é preciso que se analise à sua circulação na sociedade (ORLANDI, 2008), isto é, os dispositivos ideológicos que se encontram nas entrelinhas do discurso. Desse modo em (09) a revista *Veja* busca mostrar aos leitores, o quando o sistema de cotas trás prejuízos à sociedade, reservando “vagas”, para afrodescendentes em universidade. Para tal a posição sujeito assume o discurso econômico, e o da inteligência, para afirmar que os níveis dos profissionais da sociedade tem abruptamente diminuído, em virtude do sistema de cotas. Mas, para esse sujeito dizer isso, é preciso que se inscreva em trajetos de sentidos, construídos por uma formação discursiva econômica e outra de inteligência, que disponibilizam esses preconstruídos, através do interdiscurso, entendido como conjunto de dizeres esquecidos, um já-dito, para que o sujeito complemente o seu dizer, (Idem,2008)

Todo um conjunto de “dizeres”, práticas discursivas de uma época ou um palco de relações dado, que representa o negro, como inferior chegam ao discurso midiático, produzindo sentidos negativos, já que, quando a posição sujeito afirma que “A renda caiu” infere-se que, a revista culpabiliza, de uma maneira negativa, os afrodescendentes pela “queda” dos rendimentos dos profissionais da sociedade, já que eles não ingressam na universidade pelo sistema de vagas gerais, mas pelo sistema de reserva de vagas, o que evidencia um



discurso dominante que representa os negros como inferiores, incapazes de ingressar na universidade por vagas gerais.

Discurso da Periculosidade

- (13) “ o perigo de classificar as pessoas pela cor da pele- coisa que fizeram os nazistas e o Apartheid Sul-Africano”(Ed.2011,p.82)
(14) “Tentar explicar as diferenças intelectuais, de temperamento ou de raça, caso emocionais pela diferenças raciais é não apenas estúpida como perigoso” (Ed.2011,p.84)
(05) “Enxergam no favorecimento das cotas um risco para todos”(Ed.2102,p.68)
(18) Será como tentar apagar fogo com gasolina” (Ed.2011,p.85)

Numa análise inicial os enunciados (13), (14), (05) (18) e (22) são paráfrases um do outro, produzem um efeito de que o sistema de cotas é perigoso para sociedade Brasileira.

Nesse sentido a posição sujeito da Veja, ao enunciar apaga a função do sistema de cotas na sociedade Brasileira, e insere um discurso, cujo sentido produz uma representação do sistema de cotas, como uma ação afirmativa perigosa para toda a sociedade. Como se as cotas fossem um perigo iminente, preste a colocar a sociedade inteira em risco. Desse modo, as unidades “perigo” e “um risco para todos”, em (14) e (05) produz um efeito de uma substância tóxica, como veneno que se espalha na sociedade, infectando todas as pessoas. Ainda em (13) "coisa que fizeram os nazistas e o Apartheid Sul-Africano“(Ed.2011, p.82), a posição sujeito ativa a memória discursiva, e reatualiza dois acontecimentos históricos, que dizimaram milhões de pessoas, e através do recurso da comparação, instala uma polêmica, já que compara o sistema de cotas, com esses acontecimentos.

Já em (18), com o enunciado “Será como apagar fogo com gasolina”(Ed.2011,p.85) a posição sujeito retoma um discurso formulado proverbialmente, a partir da ativação memória discursiva, isto é, a partir do provérbio “O fogo se apaga com fogo”, inscrito em redes significativas, que é atualizado pela posição sujeito para validar o sentido de "perigo" que é a questão das cotas no Brasil.

(POSSENTI, 2009: p.151) retomando as palavras de (MAINGUENEAU, 1987:100-100,) referente os provérbios afirma que estes “são construídos a partir de outros, de acordo com os falantes da língua, num processo em que o sujeito toma para si, a voz de outros



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

discursos”, inscritos em redes de significações, historicamente construídas para uma dada formação social. Estes provérbios circulam na sociedade trafegando nos discursos produzindo efeitos na enunciação, isto é, aparecem, muitas vezes, nas discursividades como se não fossem produzidos por nenhum sujeito, ou como se não fossem uma atualização de outros dizeres, de outros discursos, ou seja, cria-se um efeito transparência no discurso, ignorando a opacidade da língua.

Sabe-se que a palavra “fogo” no discurso científico, é uma energia poderosíssima, que causa grandes destruições, junto com gasolina, que é um elemento líquido inflamável, essa destruição é praticamente intensificada. Normalmente, esse discurso para ser coerente, isto é, da forma que todos entendam seria dito da seguinte maneira: “apagar fogo com água”, mas essa não é intenção do sujeito enunciador, porque ele deseja produzir efeitos no discurso, para isso, ele se inscreve em redes de memória, onde se encontram os trajetos de sentidos e os preconstruídos, (provérbios, ditos populares) isto é, os objetos de discurso de que precisa, a partir aí, reconfigura sua enunciação, cujos sentidos se opõem ao outro, ou seja, ao invés de inserir água, que é o elemento com o qual se apaga fogo, insere gasolina, para afirmar o sentido de perigo que é classificar as pessoas pelo sistema de cotas.

Considerações Finais

Esta pesquisa referente ao discurso midiático, ou melhor, sobre o discurso da revista *Veja* nas suas publicações de 2007 e 2009, evidencia-se alguns efeitos de sentido, que nos mostra a posição dela frente ao sistema de cotas para negros em universidades públicas no Brasil. A revista (voz do narrador) em suas práticas discursivas traz à tona sentidos em que demonstra o seu descontentamento às questões históricas e sociais no que concerne ao direito dos negros de ingressar em universidades públicas, por meio do sistema de cotas, mesmo sabendo que historicamente a posição do negro no Brasil foi marcada por séculos de escravidão, exclusão e marginalização social, difunde discursivamente “dizeres”, práticas discursivas para negar a veracidade do sistema de cotas no Brasil, isto é, tenta passar sentidos aos seus leitores de que no Brasil não precisa de cotas, mas que deveria ao invés disso valorizar o mérito individual de cada um, o que evidentemente exclui as desigualdades sociais



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

entre brancos e negros no país e instaura regimes de verdade, isto é, cria na opacidade da língua sentidos que além de negarem o sistema de cotas polemiza ainda mais as questões referentes aos direitos dos negros de frequentarem os ambientes sociais.

Referência Bibliográfica

ALVES, W. **Ciência, discurso e ideologia: um caso particular, na mídia de controle social pela Linguagem.** In AVE PALVRA, Revistada do curso de letras, UENEMAT, ISSN:1807-613, no 03, 2004, p. 34,49.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias,** São Paulo: Contexto, 2009.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DO BRASIL.São Paulo-SP:Ediouro, 1998.

DOMINGUES, Petrônio: **Ações afirmativas para Negros no Brasil: O início de uma reparação histórica.** Revista Brasileira de Educação, Maio-Agosto, número 29. Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em educação São Paulo, 2005.

CORRÊA, THOMAS SOUTO. **Primeira Parte de uma breve história das revistas. Agosto de 2005.** Disponível em: < <http://cursoabril.abril.com.br/coluna/coluna/materia110318.shtml>>acesso em 14/12.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

____ **Discurso e Leitura.** Campinas-SP, 6ª Ed. 1987.

____ **Maio de 1968: Os silêncios da memória.** In: P. Achard et all. Papel da memória. Campinas-SP: Ponte, 1999. PP.59-71.

____ **Discurso e texto: Formulações e circulações dos sentidos.** Campinas-SP: Pontes 2008.

____ **A linguagem e seu funcionamento. As formas de discurso,** São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1983.

GREGOLIN,M.R. **Discurso e Mídia : a cultura do espetáculo.** São Carlos, SP:Claraluz, 2003.

GOMES, NILMA L. Org. **Um olhar além das fronteiras educação e relações raciais,** Belo Horizonte; 2010.

KOCK,I.G.**Argumentação e Linguagem.**São Paulo, Cortez, 2000 6a ed.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

MOURA, CLOVIS: **A história do negro Brasileiro**, 2.ed. São Paulo, àtica 1992.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise de discurso**, 2ªed.Campinas, SP: Pontes, 1993.

MUNANGA, KABENGELE: **Negritude usos e sentidos**, série principio àtica 1988, São Paulo.

MARIANI, B.O **PCB e a impressa**, Campinas, SP: Editora da Unicamp e Editora Revan, 1998.

PECHÊUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, 3ªed.Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

___ **Discurso. Estrutura e acontecimento**. 3ª. Ed. Campinas-SP: Pontes, 2002.

POSSENTI, SÍRIO. **Os limites do Discurso:ensaio sobre discurso e sujeito**, São Paulo, Parábola, 2009.

ROMÃO & MOREIRA. **Aracruz e MST:Um confronto de discursividades nas textualizações midiáticas**.In Romão, Lucília, M. S. & Lúcia M.S & Gaspar, N.R.(org).Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo.São Carlo: Pedro & João Editores, 2008.

RODRIGUES, M. L. **Discurso e Silêncio: “14 de maio: o dia que ainda não terminou”**.In RODRIGUES, M. L.. (orgs).Discurso e Sentido: questões em torno da mídia, do ensino e da história. São Carlos-SP: Claraluz Editora, 2007.

___ **Poder, Discurso e Silêncio**. In AVE PALAVRA, Revista da de Letras da UNEMAT, ISSN: 1807-6130, no. 07, 2006, pp. 8-3,

___ **Questão das Cotas: uma questão de identidade** (afirmação ou negação) 2008, no prelo.

___ **Discurso, memória e poder na irrupção do debate sobre as cotas na mídia**. 2008, no preto.

VOGT,C. **LINGUAGUAGEM, PRAGMÁTICA E IDEOLOGIA**.2ED.São Paulo:Hucitec, 1969.

OLIVEIRA SILVA, ROBERTA DANIELLE. **Jornalismo publicidade e capa da revista veja : uma relação de interdependência**. Agosto de 2008. Disponível em: <http://www.faac.unesp.br/pesquisa/...2008/Lecotec418-433.pdf-stóricos>.

VEJA. **Gêmeos idênticos, Alex e Alan foram considerados pelo Sistema de Cotas como Branco e Negro. È mais uma prova de que raça não existe**. Edição Nº 2011, Abril, 6 de



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

junho de 2007.

VEJA. Uma segunda opinião. In O Brasil e a crise: 10 razões para o otimismo, edição Nº 2102, Ed. Abril, 04 de março de 2008.